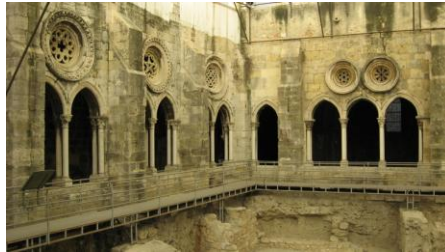


«PRESERVAR a MEMÓRIA» «PRESERVAR a MEMÓRIA»

MEMÓRIAS do «GOLPE da SÉ» - *Três protagonistas, três testemunhos*



Claustro da Sé - 2010

*Tu que falas, eu que falo,
que fazemos, afinal?
Não é com falas e falas
que fazemos Portugal.*

12 de Março de 1959 - Num ápice tudo se desfez... mas a vida não anda para trás!

...Certo dia [Manuel Serra] disse-me que era preciso e urgente fazer uma revolução. Eu, cá muito por dentro de mim, assustei-me, mas confesso que rejubilei. Mais de 50 anos sobre a madrugada de 12 de Março de 1959, Mariano Calado escreve sobre o Golpe da Sé e regressa aos tempos inquietos de juventude. Manuel Serra partira dias antes, em 31 de Janeiro de 2010, e a imagem do amigo que o levou além do medo reinstalava-se viva no seu pensamento.

O Manel foi para mim uma referência do que vale a esperança... a sua verdade, a sua constância e a sua coragem de muitos anos, terá sido uma fértil e genuína semente dos cravos de Abril.

No início era a JOC, a Juventude Operaria Católica.

O que me levou a aderir ao "Golpe da Sé", lembra Carlos Alberto, mensageiro numa revolução que não chegou a acontecer, que fracassou, dizem, foi a grande proximidade que existia com o Manuel Serra, dado que éramos militantes activos da JOC, mas também o combate pela liberdade, pela justiça e pela solidariedade, componentes que não poderíamos esquecer na militância do dia-a-dia. Manuel Serra aderiu à JOC com 17 anos e lá conheceu Mariano Calado, João Gomes, Carlos Alberto Oliveira, entre muitos outros. A sua perseverança na luta pela justiça e pela verdade é tão forte e contagiante que consegue operar "esta revolta íntima de lutar até contra mim se, pelo direito dos outros, for necessário combater-me", escreve Calado.

João Gomes, então Presidente da JOC, conta que *eram*, na maioria, *elementos jovens, sintonizados com a campanha eleitoral do general Humberto Delgado, em 1958*. Lembra as horas no Café Martinho, onde se acaloravam contra a censura e discutiam política e temas de índole social, e a grande amizade que o ligava a Serra. Num ápice tudo se desfez?

Não! Apenas nada foi tão rápido como queriam. Não há derrota que apague a força inspiradora quando ela se acende em nós. As sementes estavam lançadas e fundiam-se com a terra, esculpindo novos tempos, grão a grão.

A memória ainda mantém o cheiro a madrugada e a medo mas arrepia pela coragem e pela esperança que guardou.

O caminho para a Liberdade fez-se de temor e de bravura; de revolta, de cárceres e raiva. De generosidade. De desespero. De amizade e inspiração.

9 de Junho de 1959 – ***Eram cerca das 16 horas e tinha hora e meia para arranjar não sei quantos contos.*** Manuel Bidarra não participou no Golpe mas, meses depois, coube-lhe arranjar o dinheiro, *milhares de escudos*, para comprar a liberdade condicional dos quatro amigos. Na PIDE, às 17:30, abraçou-os, uma outra vez.

Testemunho de

Carlos Alberto Oliveira

O que me levou a aderir ao "Golpe da Sé" em 1959, foi sem dúvida a grande proximidade que existia com o Manuel Serra dado que éramos militantes activos da JOC – Juventude Operaria Católica, mas também o combate pela liberdade, pela justiça e pela solidariedade, componentes que não poderíamos esquecer na militância do dia-a-dia.

A minha missão, naquela madrugada do 12 de Março de 1959, era a de mensageiro, o Manuel Serra precisava de um conjunto de pessoas que pudessem deslocar-se rapidamente, servirem de estafetas na cidade de Lisboa, atendendo a que os meios de comunicação existentes eram escassos. Só restava o táxi, e pouco mais para aquela época.

Fev. 2010

Carlos Alberto

“GOLPE DA SÉ” - O primeiro movimento em que participaram Civis e militares

[por João Gomes]

O faldado "Golpe da Sé", que ocorreu na noite de 11 para 12 de Março de 1959, foi a primeiro acto revolucionário em que participaram dezenas de civis e de militares.

Tratava-se, na maior parte, de elementos jovens, sintonizados com a campanha eleitoral do general Humberto Delgado, em 1958. Alguns eram católicos, outros provenientes directamente da JOC. Mas havia também os originários de formação de direita.

Pelo lado dos militares, a direcção foi assumida pelo comandante Pastor Fernandes, enquanto a organização coube ao capitão Almeida Santos, uma figura tragicamente desaparecida: o seu cadáver foi encontrado nas areias da praia do Guincho (Cascais).

Mas o que constava nos meios políticos da altura era que a regime salazarista não estava interessado no aprofundar das investigações. Com efeito, dizia-se, o antigo Presidente Craveiro Lopes estaria a par do movimento, a mesmo acontecendo com o general Botelho Moniz, à época ministro da Defesa.

Manuel Serra, que recebera boa parte da sua formação na JOC (Juventude Operaria Católica), à qual aderira aos 17 anos, fez a seu baptismo na política activa participando na candidatura de Delgado.

Alguns procuraram traçar de Manuel Serra a perfil de um "revolucionário romântico". Mas quer ao fugir, após a tentativa falhada do "Golpe da Sé", do Hospital Curry Cabral para a Embaixada de Cuba, quer na revolta de Beja, ele evidenciou sempre uma enorme força, firmeza nos objectivos e um entusiasmo contagiante. Além da sua proverbial coragem.

Ligava-me a Manuel Serra uma amizade profunda. Passei horas a ouvi-lo ler e comentar, no café Martinho, em Lisboa, os cortes que a Censura lhe infringira na revista "Náutica", por ele fundada: era oficial da Marinha Mercante. Mas também a discutir política e temas de índole social.

Não admira assim que ele me aliciasse para a "Golpe da Sé". Cumpria-me desempenhar funções na saída dos jornais. Eu era então presidente nacional da JOC e o seu órgão, mensal, o "Juventude Operaria", desmedidamente retalhado pela Censura.

Pelas duas da madrugada do dia 12 saíamos das instalações da Sé com a indicação de que a revolta falhara. Mais tarde veio a saber-se que por hesitações de ultima hora. O certo é que ao todo o movimento me causara seis meses de prisão e um julgamento no Tribunal Militar de Santa Clara.



Aljube - 2010

No princípio, na fase de averiguações, fui mandado para os curros do Aljube, um espaço escuro, onde mal cabia o catre. Daqui era conduzido à sede da P.I.D.E.. Recordo que do interrogatório além de dados sobre a minha participação no dito golpe a Policia Política estava interessada em conhecer pormenores sobre os meus contactos com D. António Ferreira Gomes, o destemido Bispo do Porto.

Finda a fase mais aguda da inquirição passei à Prisão de Caxias, onde permanecíamos dois/três por cela.

Aqui recordo que fui visitado pelo assistente nacional da JOC, o padre Narciso Rodrigues, que me foi transmitir a decisão da hierarquia de que não podia voltar à sede da organização de que era

presidente. Era o primeiro julgamento por uma parte da Igreja, mesmo antes do veredicto das autoridades. A determinação deixou-me consternado.

No calor que a minha prisão causara em todo a Movimento (então com muitas dezenas de secções e milhares de militantes e simpatizantes) o assistente nacional telefonara ao fundador da JOC Internacional, a fim de lhe dar conta da minha detenção. Ao que a célebre cónego *Cardijn* lhe terá respondido mais ou menos: num regime político como o de Portugal não admira que pessoas como os dirigentes da JOC se envolvam em movimentos revolucionários.

Terminada a fase inicial da minha prisão voltei ao Campo de Santana, 43 (onde era a sede da Acção Católica... e da JOC). Aqui fui recebido por D. José Pedro da Silva - que depois foi nomeado bispo de Viseu. Visivelmente perturbado, o assistente da Organização de leigos portugueses deu-me severa censura. A minha admiração chegou-me dias depois quando, ao ser recebido pelo cardeal Cerejeira, encontrei este muito sereno, a pedir-me desculpa pela decisão de não poder voltar à sede da JOC. Apelava mesmo à minha compreensão, pois a Igreja vivia momentos particularmente difíceis e delicados.

Voltei a ser preso no ano seguinte, quando se tratou do começo do julgamento no Tribunal Militar de Santa Clara. Voltei ao Aljube. Nessa altura já não nos curros mas numa ampla sala, num dos pisos superiores da velha prisão. Ai coabitava uma boa dezena de elementos, em fraterno convívio.

Tudo terminou em Julho. Saí de Santa Clara com uma absolvição.

Lisboa, 07 de Abril de 2010

João Gomes

MANUEL SERRA, CAVALEIRO DA ESPERANÇA

[por Mariano Calado]

Embora eu residisse em Peniche e o Manel em Lisboa, foi na JOC-JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA, na capital, pelo final dos anos 40 do século passado, que eu conheci o Manel, aquando de encontros de jovens de várias secções a nível diocesano; foi na JOC que ambos sonhámos um mundo melhor; foi na JOC que aprendemos a rebelar-nos contra a hipocrisia da ditadura política que enegreceu a nossa adolescência; foi na JOC que procurámos afrontar a covardia dos vampiros da PIDE que, mais tarde, nos ofereceram, cinicamente, as cruzes das grades da prisão que nada tinham a ver com a Cruz que orientava a nossa vida.

Em 1952 fui trabalhar para Lisboa e passei a conviver mais de perto com o Manel, substituindo-o até, na secção recreativa que ele orientava no nosso saudoso jornal «Juventude Operária», sob o pseudónimo de *Manser*, até ao momento em que, tendo içado, por imperativos da vida, as velas do seu barco, zarpou nas rotas profissionais da Marinha Mercante, tendo eu sido convidado para continuar a sua secção, sob o pseudónimo de *Anão Sabichão*, até que, por mor da prisão que, mais tarde, me limitou, tive igualmente de a deixar. Mas era certo e sabido que,

sempre que ele aproava a Lisboa, lá nos encontrávamos e trocávamos impressões desafiando todo o rol do nosso descontentamento perante o quadro político que sujava as paredes do nosso futuro. E, de cada vez que tal sucedia, e perante o seu permanente entusiasmo, acontecia que nos sentíamos mais conscientes do mundo de hipocrisia que nos rodeava e ofendia e da necessidade urgente de surgir uma alternativa de acordo com o sonho de verdade e justiça com que nos debatíamos.

Um dia, o Manel parou mais por Lisboa e fundou uma revista para a gente do mar, a «Náutica», convidando-me para orientar nela uma página de charadismo, desporto intelectual a que eu costumava dedicar o meu tempo livre, sempre que o tinha, ao que acedi com todo o entusiasmo. Criou ainda a «Racitel», um estúdio destinado a trabalhos de rádio, cinema e televisão, situado na Rua de Santa Marta, e onde, também a seu convite, iria porventura dedicar alguma colaboração, na medida em que, por essa altura, andava eu envolvido em actividades radiofónicas.

Ora, certo dia e dada a nossa intimidade e a proximidade dos princípios em que acreditávamos, o Manel, num dos encontros que se nos proporcionavam, veio direito ao assunto e, discretamente, como convinha, disse-me que era preciso e urgente fazer uma revolução. Eu, cá muito por dentro de mim, de algum modo compreensivelmente, assustei-me, mas confesso que rejubilei. Entretanto, que revolução? Como? Com quem?

Estava tudo já preparado, ter-me-á garantido o Manel. O que era preciso é que eu estivesse com ele, que aderisse ao cometimento, tal como outros amigos nossos já o teriam feito. Todo eu, por dentro, sorri de esperança. Mas o certo é que pensei nos meus filhos e, na minha ignorância e ingenuidade acerca de revoluções, ter-lhe-ei retorquido que utilidade poderia ter a minha colaboração se nem tropa tinha sido nem alguma vez tinha pegado em qualquer arma? Ele sorriu e, com serenidade, ter-me-á descansado, respondendo-me que não era para isso que de mim necessitava, porque, se a revolução vencesse, como ele confiava, contava comigo para o grupo de redactores do jornal que no dia da vitória seria publicado. Mais uma vez pensei nos meus filhos e na minha mulher, mergulhei em mim a procurar a resposta, necessária e coerente, que havia de lhe dar e, vencida uma natural e íntima preocupação, disse-lhe que sim, que contasse comigo.

O segredo manteve-se até ao dia em que se concretizaram os últimos preparativos e, no dia 11 de Março de 1959, à noite, juntei-me com o nosso comum amigo Carlos Alberto Oliveira numa pastelaria que existia à esquina de um prédio do Largo de Santo António da Sé, que não sei se ainda existe e, à hora prevista, lá abalámos os dois, com a segurança e serenidade possíveis, a caminho da Sé, tendo entrado por uma porta lateral para o que julgo ter sido uma sala, ou sede, de um clube de marinheiros católicos, onde já se encontravam várias pessoas, entre as quais reconheci o padre João Perestrello. Calmos, mais ou menos silenciosos, todos aguardavam as necessárias instruções para o que desse e viesse.

E algumas horas se passaram. E, de cada vez que o ponteiro dos minutos contava sessenta segundos nos nossos relógios e nada acontecia, a verdade é que se começava a apoderar de nós a desconfiança de que alguma coisa estaria a correr menos bem. Até que,

entrada já a madrugada, chegou, a bem dizer inesperada e indesejavelmente, a ordem de dispersarmos, rapidamente, já que a iniciativa fora descoberta, talvez por traição ou covardia de alguém que teria voltado as costas ao próprio compromisso e à justiça de tentar abater um regime de ditadura, de opressão dos trabalhadores, de obscurantismo e de miséria.

Voltei para casa, apanhando o barco, tardio, que me levaria à Outra Banda, pois que, à altura, residia em Almada.

Comecei, depois, a saber de vários acontecimentos: da prisão do Manel, das do João Gomes, do Zé Bidarra, do Asdrúbal Pereira e do Carlos Alberto Oliveira. Senti que estaria perto a minha vez e, em certo dia, próximo das datas destas prisões, abalei, como de costume, à hora do almoço, até ao extinto Café Martinho, no Largo D. João da Câmara, onde encontrei em conversa o arquitecto Ribeiro Telles e o dr. João Camossa, que o Manel, um dia, me tinha apresentado como opositores ao regime político de então. Supondo que, de algum modo, fossem conhecedores do assunto, disparei-lhes a minha suposição e receio. E, para meu espanto e ingenuidade, ouço da parte do arquitecto Ribeiro Teles o conselho de que, como católico, fosse imediatamente pedir asilo político ao palácio da Nunciatura!

Face ao meu próprio espanto, quem era eu para seguir tal conselho? Que aceitação, até, eu ali teria? E, com a certeza da minha pequenez e sem saber o que de melhor fazer, voltei, ainda que preocupado, para o Banco Nacional Ultramarino, onde trabalhava, e fosse o que Deus quisesse!

De facto, no dia 12 de Maio, umas aves agoirentas procuraram-me no Banco, na Repartição de Títulos e secção da Casa Forte, situada na cave, onde prestava o meu serviço, para me levarem, preso, para a rua António Maria Cardoso. O Secretário do Banco – honra lhe seja! – não permitiu que me levassem dali sem conhecimento da Administração e deu-me instruções para que subisse ao primeiro andar. E foi dali que parti, escoltado como um criminoso. Ao fim da tarde e durante toda a noite, sem dormir e com um silêncio cúmplice de quando em quando entrecortado por provocantes ruídos, sofri um doloroso e estúpido interrogatório da parte de alguns agentes de pistola agatorrada ao sovaco – embora, valha a verdade, sem que com um dedo me tocassem! - e, no dia seguinte, 13 de Maio, botaram-me no isolamento da cela 12 da prisão do Aljube, onde um bailique, uma espécie de enxerga com um horrível colchão besuntado de nódoas me esperava, e, oito dias depois, transferiram-me para a sala 6 da Zona Norte da prisão de Caxias, onde fui encontrar alguns dos meus companheiros e amigos jocistas.

Do Manel tive depois conhecimento de vários episódios de que tinha sido intérprete e só bastante mais tarde, depois de o ter visitado no Hospital da prisão de Caxias, é que o tornei a ver e abraçar, num abraço que era todo o comungar amigo de um projecto de vida e de justiça que na JOC aprendêramos a viver e com o qual sonhámos, com esperança, durante muitos anos e a sonhar com ele continuávamos.

A vida, impondo-nos distâncias mais difíceis para os antigos encontros de reflexão, separou-nos de certa maneira, mas, mais à frente, depois do 25 de Abril, lá me encontrei de novo, lado a lado com ele, na rota da nossa antiga esperança.



Entretanto, poeta que me sentia desde a minha adolescência, e depois de ter publicado já dois pequenos livros de poesia (*Mar de Sempre*, 1955) e *O abismo e as estrelas*, 1957), em 1973, curiosa e concretamente nove meses antes de soar a Hora do 25 de Abril, dei à estampa um terceiro livro (*Fogo de Santelmo*) onde parecia até que adivinhava que, no tempo normal de uma normal gestação de nove meses, alguma coisa de grande e ansiosamente esperado sucederia, no qual inclui um poema chamado «Solidão de quatro passos», precisamente com esta dedicatória:

*Para o Manel,
Para o João,
para o Carlos
e para Outros.*

e que era um recordar do que sucedera catorze anos antes:

Na noite de negros sonhos
deitei abaixo o bailique,
deitei rumo ao desespero.
Nódoas e risos de raiva
- nuvens de azeite e de escárnio
num céu rasgado de fogo -
foram jantar que me deram.

Na noite de negros sonhos
deitei abaixo o bailique
para abrigo dos meus cansaços.
E - coisa estranha! - senti
que me pregavam, troçando,
cravos negros nos meus braços.

Na noite de negros sonhos
bailava uma luz-denúncia
vizinha do meu silêncio
e corvos negros voavam
negro, negro,
como a noite.

Quis dormir.
Mas tinha uma voz, cá dentro,
que teimava em me acordar.

- E nessa noite de negro
dormi toda uma vigília.

Certamente pela pequenez de tiragem do meu livro, a tacanhez da PIDE não deve ter tido conhecimento deste modesto poema. Até porque, páginas à frente, surge um outro como que em

ressonância da minha, e da nossa, eterna rebeldia, da imagem da revolta que os vampiros da traição nos tinham feito abortar:

Tu que falas, eu que falo,
que fazemos, afinal?
Não é com falas e falas
que fazemos Portugal.

Já em Alcácer-Quibir
por bem falar nos perdemos.
E, se mais falas falamos,
não nascemos, não nascemos.

Tu que choras, eu que choro,
que fazemos por fazer
das lágrimas que choramos
as sementes de nascer?

Mais, ai, não é com lamentos
que volta Sebastião:
não se rasgam nevoeiros
sem termos o Sol na mão.

Tu que falas, eu que falo,
que fazemos, afinal,
pra ter na mão a coragem
de acordarmos Portugal?

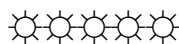
Porque é tempo de acordar.
Porque é tempo de nascer.
Porque é tempo de gritar
o direito de viver.

Cometi na minha vida muitos erros. Mas ao Manel fiquei devendo esta vontade constante de lutar pela justiça e pela verdade, esta revolta íntima de lutar até contra mim se, pelo direito dos outros, for necessário combater-me. Fiquei a dever-lhe a esperança num mundo melhor.

E o Manel foi, para mim, uma referência do que vale a esperança. Mesmo que alguns o tenham traído. Mesmo que alguns não tenham reparado, ou não tenham querido reparar, que ele, com a sua verdade, a sua constância e a sua coragem de muitos anos, terá sido uma fértil e genuína semente dos cravos de Abril. Mesmo que muitos, ingratos, tenham esquecido o que tanto sofreu.

Peniche, Fevereiro de 2010

Mariano Calado



[Aquele tarde de 9 de Junho de 1959](#)

[por Manuel Bidarra]

Não sei que dia da semana era nem tão pouco me interessa; sei que tinha de arranjar dinheiro suficiente para que quatro amigos pudessem passar o feriado do dia seguinte no sossego de suas casas e suas famílias.

Eram cerca das 16 horas e tinha hora e meia para arranjar já não sei quantos contos, “*milhares de escudos*”, para que, finalmente, pudessem de novo contemplar a cidade, falar com os familiares e amigos e deixar de ver – como na época se dizia – “o sol aos quadradinhos”.

Um telefonema do chefe Rego para o meu emprego fez-me calcorrear algumas ruas para me apresentar na PIDE até às 17.30 e poder ver libertadosⁱ os meus amigos Carlos Alberto, João Gomes, Mariano Calado e o meu irmão José.

Os dois primeiros foram julgados no Tribunal Militar de Santa Clara em 1960, que movimentou uma numerosa plêiade de advogados durante muitas semanas.

Das pessoas que entraram no “Golpe da Sé” alguns foram despronunciados outros foram “empurrados” para o estrangeiro.

O Manuel Serra – que pediu asilo na Embaixada do Brasil acabou por “emigrar” para o Brasil, sendo julgado à revelia. Reentrou clandestinamente em Portugal, para o Golpe de Beja, foi preso, julgado, condenado a 10 anos de prisão, integralmente cumpridos, tendo saído em 1972.

Manuel Bidarra

ⁱ Mediante fiança